

APRESENTAÇÃO

Em especial, nesse dossiê intitulado *Capitalismo e Produção Simbólica*, a Revista Grau Zero apresenta aos leitores e críticos culturais reflexões acerca das produções simbólicas inerentes às transformações e dinâmicas do capital. Busca-se, entre outros pontos, lançar um olhar para o campo linguístico-literário, apontando suas tensões com outras formas de conhecimento, em uma crítica que objetiva desvelar os processos hegemônicos, seus movimentos e ideologias institucionais. Nesse aspecto, direcionar atenção para disseminação dos modelos de apropriação cultural no âmbito do capitalismo é fundamental para a compreensão do contemporâneo, refletindo em arranjos significantes pautados pela fragmentação, delineado por tensões presentes em temas como: o global e o local, a imagem contemporânea, simulacro, produtos culturais, mercadoria, história e fetiche.

Vive-se uma era em que a espetacularização de bens simbólicos é cada vez mais difundida em processos de serialização do consumo, decorrentes da revolução industrial e pós-revolução. Pensar os bens culturais de produção imbricados no mercado, ou seja, compreender os fenômenos sociais e suas significações pelo prisma da lógica do capitalismo tardio, observando as suas formas de controle no âmbito da vida social, tem sido o desafio para o pensamento crítico ao longo do Século XX. Assim, os textos a seguir buscam evidenciar, entre outros aspectos, os processos de alienação desenvolvidos pelo capitalismo.

Em “Escravidão, racismo e sociedade: Debret na sala de aula e o diálogo entre as disciplinas de História e Artes” Cleyton Rodrigues dos Santos, da USP, e Mariane Cristina da Silva, da FAPE, destacam a importância de uma abordagem interdisciplinar no contexto educacional. Segundo os auto-

res, os diálogos entre História e Artes são imprescindíveis para a construção de novas leituras acerca do Brasil. Além de potencializar o processo de ensino aprendizagem, evidenciam a possibilidade de se reposicionar os sujeitos frente às narrativas vigentes que dominam o discurso comum. Aqui, a obra de Jean-Baptiste Debret é importante para nortear a discussão proposta, uma vez que grande parte dela pode ser abordada por uma lógica discursiva que reflita a complexidade inerente ao sistema escravagista no Brasil, no século XIX. O corpus proposto pelos autores nos direciona a uma importante reflexão acerca da conjuntura social atual, principalmente no que tange ao lugar do indivíduo e do aluno, enquanto sujeitos históricos.

Tâmara Rossene Andrade Bomfim traz uma abordagem focada na expressividade popular ligada aos festivais de música, na cidade de Ibotirama, na Bahia. No seu artigo, as especificidades comuns ao espaço geográfico são apresentadas como elemento dinamizador dessas expressões, ao constituir um relato acerca do festival de música tradicional da cidade. Aqui, a cultura é compreendida como um espaço heterogêneo, constituído por fissuras potencializadas tanto pelo elemento popular como pelo contemporâneo, possibilitando repensar o espaço abordado pelo mesmo viés da complexidade e contradição.

No artigo intitulado, "Mídia ninja e o junho rebelde: cidade, midiativismo e crise de representação", Maurício José de Jesus revela a complexidade do cenário da comunicação contemporânea. Ao apontar para as especificidades desse campo, o autor relaciona produção de imagem e notícias e suas implicações na constituição das simulações e dos simulacros presentes na sociedade atual. Nesse caso, o fenômeno midiático tem como pressuposto básico a luta estabelecida pelos meios de produção de sentidos, o que evidencia o papel preponderante que a comunicação adquire na constituição de percepções acerca do nosso tempo e espaço. Nesse as-

pecto, aponta-se o midiativismo como um devir de implicações éticas e políticas importantes para os dias atuais.

Por seu turno, no texto “O alienamento discursivo do sujeito feminino”, Edvânia Martins Lopes, mestranda em Estudos do Texto e do Discurso pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERJ), analisa o discurso da personagem Laura, protagonista do conto “A imitação da rosa”, da escritora Clarice Lispector. O artigo busca entender como a literatura descreve o comportamento da mulher que se assujeita às relações de poder historicamente materializadas. Nesse sentido, a autora propõe uma reflexão acerca das ideologias que constroem símbolos, discursos e representações, vinculados aos processos hegemônicos e suas formas de controle nas práticas sociais.

No artigo, “O meu destino é o Acre. Aquilo é uma terra santa: Amazônia, terra prometida?” Norma Sueli Semião Freitas, Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará, traz o processo migratório dos trabalhadores do Nordeste do Brasil, principalmente do Ceará, para a região do Amazonas, como um fenômeno de fundamental importância para a compreensão da complexidade desse fluxo de migração no Brasil. As diferenças culturais e históricas são apresentadas pelas peculiaridades que envolvem o povo nordestino, perceptíveis nas relações estabelecidas entre o binômio Igreja Católica e Estado. Baseados na ideologia do progresso, nordestinos projetaram na Amazônia um lugar de realização e desenvolvimento, em uma espécie de “Canaã tropical”.

Nessa perspectiva, o historiador Carlos Nássaro Araújo da Paixão, em seu artigo intitulado “O tempo, a memória e a história: ou sobre como extrair uma concepção de tempo para a teoria da História em Marcel Proust”, constitui um olhar para a questão do tempo desenvolvido pelo escritor, a partir de uma epistemologia que forneça bases para uma

historiografia na sua relação com literatura. Entre outros pontos, o autor questiona conceitos hegemônicos acerca da história, apresentando as especificidades do trato com a categoria de tempo utilizada pelo escritor francês, propondo uma experiência temporal em constante interação entre o presente, o passado e o futuro.

Para o mestre em História Regional e Local, pela Universidade do Estado da Bahia, Moisés Leal Moraes, as relações de trabalho em curtumes de Alagoinhas, nos anos 1950, são fundamentais na direção de um olhar mais sensível para o modo como as transformações políticas estão expressas no âmbito local. Nesse artigo, a experiência desenvolvida por essa comunidade é basilar para a percepção das contradições inerentes ao capitalismo brasileiro durante esse período, e do projeto de nação que, depois da segunda guerra mundial, dinamizou os processos de constituição de valores simbólicos, tendo no sufrágio universal um ponto marcante. Nesse aspecto, a constituição do discurso democrático tem na relação do voto e direito trabalhista uma relação fundamental para a produção dos símbolos ligados ao capitalismo brasileiro e mundial.

Esse número conta ainda com a apresentação, por Maurício Silva, do livro “Crítica Pós-Colonial: Panorama de Leituras Contemporâneas”, o qual destaca os principais aspectos que compõem a publicação, organizada pelos autores: Júlia Almeida, Adelia Miglievich e Heloisa Toller. Com foco na descrição de um cenário para o chamado pensamento pós-colonial, o livro busca apontar as principais questões presentes nesse campo de debate. Evidencia, entre outros pontos, algumas das produções acerca desse pensamento, ao abordar, ainda, tensões presentes na contemporaneidade. Nesse caso, como uma opção metodológica para um novo olhar contemporâneo acerca das velhas contradições, o texto sinaliza, tanto numa perspectiva diacrônica quanto sincrônica, as principais transformações ocorridas nesse campo, en-

fatizando os estudos culturais como forma de compreender as construções simbólicas do mundo atual.

Assim é que, com imenso prazer, entregamos mais um número da revista em crítica cultural, para que seja degustado com parcimônia, refletindo sobre cada aspecto abordado pelos autores, trilhando mais uma vez pelas sendas da cultura e das vivências humanas tão ricas em símbolos e representações constitutivas de modos diferentes de vida.

Priscila Cardoso de Oliveira Silva e
Francisco Gabriel Rêgo